

Bardella reclama da dosagem

São Paulo — Após afirmar que tudo o que aprendeu com o Ministro Delfim Neto, há 20 anos, "é exatamente o inverso do que está aí", o vice-presidente da FIESP, Cláudio Bardella, disse achar que "a política econômica não está sendo controlada apenas pelo Ministro do Planejamento".

Para o empresário, a atual política econômica contraria tudo o que o Sr Delfim Neto pensa. Ele porém concorda que, "se está ruim com ele, pior sem ele". O Sr Bardella argumenta que não existe mágica para "se voltar atrás, ou pular a ponte, mas existem meios para que possamos chegar ao final do ano numa velocidade menor. O único problema é a dosagem".

Depois de ficar quase 90 dias sem falar à imprensa, o Sr Cláudio Bardella discordou da estratégia adotada para que a inflação apresente uma queda entre 6% e 7%, considerando que o país está pagando um preço muito alto por isso e que "seria preferível continuar com uma taxa de inflação de 116%, como em 1980, e pagar um preço mais razoável".

Para o Sr Bardella, a política econômica, como um todo, está no caminho certo, mas "deve haver um afrouxamento ou graduação menor, para que haja um fôlego maior".

A indústria fechará o ano com um crescimento negativo, pois os números atuais são preocupantes, diz ele.

— Tenho quase certeza que o setor, a persistir o ritmo atual, fechará 81 com 8,6% negativos.

Para que a indústria tenha condições de chegar em 81 com um crescimento zero, o vice-presidente da FIESP disse que ela teria de evoluir 10% este semestre, "e isso nunca aconteceu na história".

— Estudo desenvolvido pela FIESP indica que o Produto Interno Bruto crescerá apenas 1,5% este ano, em razão do péssimo comportamento do setor industrial, que tem peso de 38% no PIB.

A informação foi dada pelo próprio Bardella, segundo quem esse crescimento será alcançado se a agricultura crescer 10% (isto nunca aconteceu) e os serviços apresentarem uma expansão de 2,5%.

— Se isto ocorrer, aí será possível a expansão de 1,5% no PIB.

O empresário explicou que o PIB é composto da seguinte forma: 18% de investimentos e 72% distribuídos em 38% para a indústria, 10% para agricultura e 52% para serviços.